

GUERRA AO FORNECEDOR

Luiz Gustavo Rabelo
Da equipe do Correio

Comerciantes do Distrito Federal decidiram declarar guerra a fornecedores que estão reajustando preços indiscriminadamente, sob o argumento da alta do dólar em relação ao real.

Até o final desta semana, representantes do Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de Brasília (Sindhobar) vão enviar documento ao Conselho de Defesa dos Direitos Econômicos (Cade) e à Secretaria de Direito Econômico do Ministério da Justiça (SDE), denunciando fornecedores que estejam aumentando preços de mercadorias em patamares superiores ao nível médio de desvalorização da moeda brasileira (35,7%).

Segundo o presidente em exercício do Sindhobar, Rodrigo Martins, alguns fornecedores já estão repassando mercadorias com reajustes que variam entre 3% e 55%, de acordo com o produto (ver quadro). "Há fornecedores que estão se aproveitando da crise para aumentar preços de produtos nacionais, que não têm nada a ver com a alta do dólar", diz, sem citar nomes.

Martins sustenta que, até agora, comerciantes estão absorvendo os reajustes, temendo queda no movimento. "Qualquer repasse de preço ao consumidor nesse momento é complicado. Trabalhamos com o setor de entretenimento que, em época de crise, é o primeiro a ser cortado dos orçamentos familiares", sustenta.

Martins teme que o aumento de preços gere mais desemprego no comércio. No ano passado, em razão da crise na economia brasileira, 804 estabelecimentos, a maioria bares e restaurantes, foram fechados no Distrito Federal. A consequência disso foi a demissão de seis mil trabalhadores — garçons, cozinheiros, maitres, entre outros.

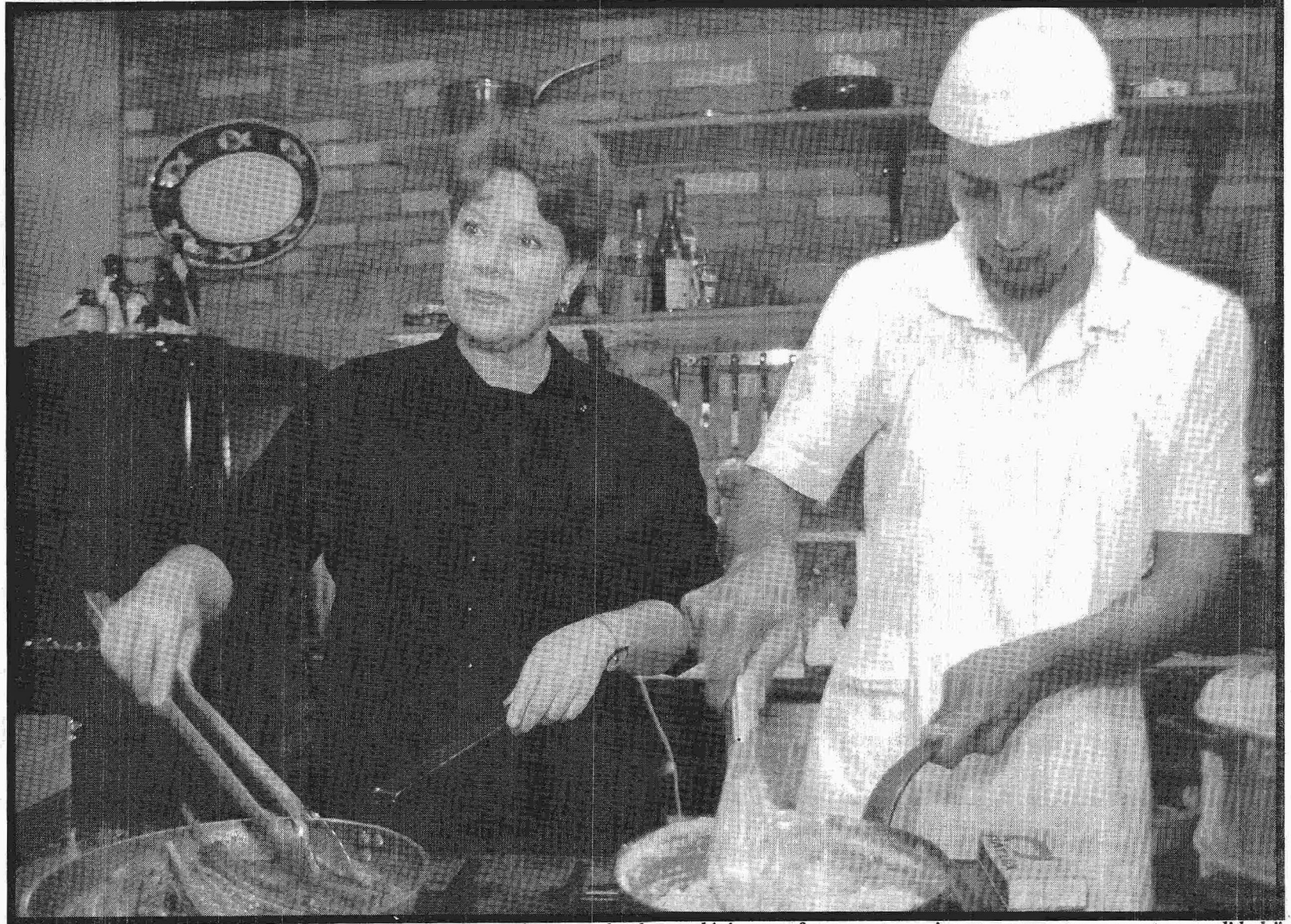
Na avaliação de representantes do Sindhobar, se os aumentos praticados por fornecedores persistirem, a estimativa é de que, este ano, mais 964 estabelecimentos fechem as portas e outros 7.200 profissionais sejam demitidos. "Esses números podem se agravar mais ainda com a desvalorização do real", acredita Martins.

CRIATIVIDADE

Além de procurar apoio do governo, o Sindhobar está orientando seus associados a pesquisar preços em mais de três fornecedores, como costumam fazer, antes de comprar as mercadorias.

A Associação Comercial do Distrito Federal é mais enfática. Recomendou aos associados que evitem a compra de produtos reajus-

Claudio Versiani



Alice, na cozinha do seu restaurante: à procura de novos fornecedores e mudando o cardápio para oferecer pratos mais em conta, sem comprometer a qualidade

tados, substituindo-os por mercadorias semelhantes. "O comerciante não pode arcar com todos os custos e a tendência natural é repassar o aumento para o consumidor final. Para evitar isso e contribuir para a estabilização da economia, estamos recomendando a substituição dos produtos reajustados", diz Lindberg Aziz Cury, presidente da ACDF.

Para manter o movimento e poupar a clientela do repasse do reajuste de preços, alguns comerciantes de Brasília estão apelando para a criatividade. Assustada com o aumento expressivo e repentino de alguns produtos, sobretudo bebidas, a empresária Alice Mesquita de Castro, dona do restaurante Alice, no Lago Norte, decidiu ampliar seu leque de fornecedores e mudar o cardápio para não aumentar preços. "Estou procurando novos fornecedores e selecionando com quem vou comprar", diz. "Também vou mudar o perfil do meu cardápio. Vou oferecer outros pratos mais em conta, sem comprometer a qualidade do que sirvo".

Alice afirma que, em uma semana, alguns fornecedores subiram em até 40% os preços de bebidas importadas, como uísque e vinho.

"Eles (fornecedores) mandaram a tabela com preços de quando o dólar estava em alta. Mas depois que o dólar baixou, não enviaram outra com preços mais baixos", queixa-se.

Segundo o presidente do Sindhobar, 75% das empresas que fornecem produtos para bares e restaurantes do Distrito Federal aumentaram em 5% o preço da cerveja e do chopp. O pão, que leva trigo importado em sua composição, sofreu reajuste de até 50% e a carne de até 25%.

A explicação de alguns fornecedores para o aumento desse último produto é a de que produtores rurais calculam o preço da arroba do boi com base no dólar. Com a alta da moeda, há, portanto, aumento do valor da carne. "Os frigoríficos já compram o boi dos pecuaristas com aumento", diz Antônio Duarte Filho, representante do Frigorífico Friboi.

Duarte acredita que o preço da carne deverá cair nos próximos dias na proporção da queda do dólar. Segundo ele, o quilo do traseiro, que chegou a custar R\$ 3 nos dias de maior alta da moeda americana, deverá cair para até R\$ 2,40. Hoje, custa, no Friboi, R\$ 2,70.

